

MICHELE SCHNEIDERS

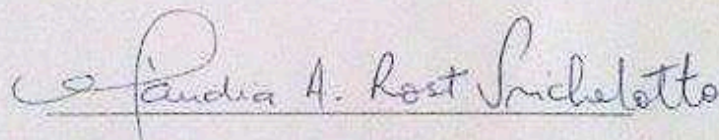
**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM
LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em:
10/12/2014

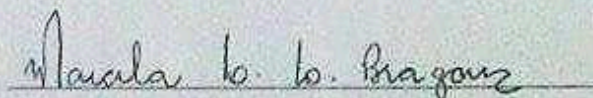
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS (orientadora)



Prof^a. Dra. Cristiane Horst – UFFS (membro interno)



Prof^a. M^e. Marcela Langa Lacerda Bragança – UFFS (membro externo)

O tratamento da variação de primeira pessoa do plural em livros didáticos de português do ensino médio¹

Michele Schneiders²

schneidersmichele@gmail.com

RESUMO: No Português Brasileiro (PB) contemporâneo, os falantes alternam o uso do pronome de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* principalmente na função de sujeito (BRUSTOLIN, 2009; MOLLICA; NASCIMENTO, 2006; NOLL, 2008; ZILLES, 2007). Uma análise preliminar de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio (INFANTE, 2004; CEREJA; MAGALHÃES, 2005) revelou a predominância do ensino do pronome *nós* para designar a primeira pessoa do plural na função de sujeito. Este artigo tem como objetivo descrever e analisar o tratamento dado ao ensino dos pronomes de primeira pessoa do plural nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio. Duas coleções de livros didáticos de duas escolas estaduais de Santa Catarina foram envolvidas nesta pesquisa, a Escola de Educação Básica Madre Benvenuta, de São João do Oeste, e a Escola de Educação Básica Marechal Bormann, de Chapecó. A hipótese é de que o pronome inovador *a gente* surgirá com pouca frequência nos livros didáticos do ensino médio. Prova disso são os resultados da pesquisa de Viana (2005, p. 83) que mostrou que, em um dos volumes de um livro didático, “o pronome *a gente* não aparece nesse quadro [dos pronomes pessoais] e não há nada com relação ao seu uso como foi feito em outro volume”. De acordo com esse resultado, prevemos que o pronome *a gente* aparecerá como uma forma variante do pronome do *nós*, mas que deve ser utilizada em situações informais da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Pronome inovador *a gente*; variação linguística; livros didáticos.

Introdução

A variação no uso dos pronomes de primeira pessoa do plural é frequente no português brasileiro contemporâneo falado e escrito (TAMANINE, 2002; MOLLICA E NASCIMENTO, 2006; ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009). O pronome *nós*, em função de sujeito, seguidamente é substituído pelo pronome *a gente*, como mostra uma ocorrência extraída de uma amostra de fala da pesquisa de Zilles (2007, p. 32)³:

(01) (hes) **nós** não tínhamos muito contato com outras crianças, a vó nunca deixou **a gente** sair assim [do] – do portão pra fora pra brincar com outras crianças, então o nosso mundo éramos nós mesmos. (RSPOA28, VARSUL, 1.33-37⁴ apud Zilles, 2007).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS *Campus* Chapecó, como requisito parcial para conclusão do CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, orientado pela professora Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ Zilles (2007) analisou entrevistas de 39 informantes do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Todos os informantes são de Porto Alegre/RS e foram estratificados em gênero (19 masculino e 20 feminino), idade (17 de 25-49 anos e 22 acima de 50 anos) e nível de escolarização (10 com escolaridade elementar – até 5 anos, 8 com escolaridade intermediária – 5 a 8 anos, 9 com escolaridade secundária – 9 a 11 anos, e 12 com escolaridade pós-secundária – mais de 11 anos).

⁴ Os símbolos utilizados pelo VARSUL significam que o informante é do estado do Rio Grande do Sul (RS), da cidade de Porto Alegre (POA), com 28 anos.

No trecho (1), é possível perceber a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural, considerando a presença tanto do pronome *nós* quanto do pronome inovador *a gente*, que aparece em uma situação de fala menos monitorada.

Este artigo tem como **objetivo** descrever e analisar o tratamento dado à variação dos pronomes de primeira pessoa do plural em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, já que os livros didáticos são uma ferramenta bastante utilizada durante as aulas de língua portuguesa. Sobre o uso do livro didático, Rojo (2006) destaca que:

O livro didático, em sala de aula, nada mais é que um dispositivo de ensino, um instrumento através do qual o professor e seus alunos passam a dispor de um conjunto de textos e exercícios com base nos quais a aula, o ensino e o aprendizado podem prosseguir, sem que haja perda importante de tempo com ditados e cópias de lousa.
(ROJO, 2006, p. 50).

São investigadas duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio⁵, aprovadas pelo Ministério da Educação, adotadas por duas escolas estaduais localizadas na região oeste de Santa Catarina: a Escola de Educação de Básica Madre Benvenuta, de São João do Oeste, e a Escola de Educação Básica Marechal Bormann, de Chapecó.

Uma análise preliminar feita em livros didáticos de português do ensino médio, nas seções que tratam de categorias morfossintáticas, como a de pronomes pessoais, a de colocação pronominal e a de concordância verbal, revelou a predominância do pronome *nós* sobre o *a gente*. *A gente* raramente é citado como uma forma variante para referência à primeira pessoa do plural ou, quando é mencionado, é tratado como uma forma estigmatizada de uso da língua.

A teoria que serve de base para este artigo é a Sociolinguística variacionista, que tem como princípio o estudo da língua em uso pela sociedade. Willian Labov é quem inaugura os estudos nessa área, em 1963, ao analisar os ditongos orais decrescentes [ej] e [aj], do inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA).

O resultado de estudos realizados na perspectiva da Sociolinguística variacionista⁶ tem motivado uma nova proposta de ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras. É importante considerar que incluir a sociolinguística na sala de aula significa ensinar a língua portuguesa a partir de situações reais de uso da língua, nas quais os alunos estão inseridos diariamente. Também é importante que os professores das escolas reconheçam a variação linguística dentro da sala de aula, não somente como parte de um conteúdo programático, mas sim como forma de reconhecimento da identidade linguística dos alunos.

De acordo com Faraco (2008, p. 31), “uma língua é constituída por um conjunto de variedades” e “toda e qualquer norma (toda e qualquer variedade constitutiva de uma língua) é dotada de organização” (p. 35). Nesse sentido, “*norma* designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como

⁵ O detalhamento das coleções de livros didáticos utilizados nas duas escolas será apresentado na seção 2.

⁶ A perspectiva que trabalha com a interface da variação e ensino é rotulada por Bortoni-Ricardo (2004) como *Sociolinguística Educacional*, a qual adotaremos neste artigo. Já Bagno (2007) e Faraco (2008) denominam-na *Pedagogia da Variação Linguística*.

normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade” (p. 40). Por exemplo, um mesmo falante pode dominar mais de uma norma, e pode mudar sua forma de falar (a sua norma) de acordo com o contexto situacional em que está inserido.

Adotamos neste estudo os conceitos de norma culta e norma padrão de Faraco (2008). A norma culta “designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (p. 71). No entanto, “a norma-padrão não é propriamente uma variedade da língua, é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência” (p. 73). O padrão existe para tentar homogeneizar, porém, ao se tratar de língua, é impossível criar um padrão igualitário, já que a língua é heterogênea e constituída por um conjunto de variedades.

Este artigo visa a contribuir com as pesquisas feitas sobre os pronomes de primeira pessoa do plural, principalmente as que são voltadas para a interface entre variação e ensino, considerando que a questão que motivou este estudo é a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, levando em conta as pesquisas recentes do PB em dados de fala e escrita (BRUSTOLIN, 2009; VIANA, 2005; ZILLES, 2007).

Postulamos que o pronome inovador *a gente* apareça com pouca frequência nas seções que tratam sobre categorias morfosintáticas nas duas coleções de livros didáticos do ensino médio selecionadas, tendo em vista o levantamento preliminar em alguns livros didáticos recentes de língua portuguesa (INFANTE, 2004; CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Este artigo está dividido em cinco seções: primeiramente, apresentaremos a fundamentação teórica que embasa este estudo; em seguida, resumimos alguns estudos que investigaram a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural no PB e também incluímos algumas reflexões sobre o uso do livro didático na sala de aula; na sequência, explanamos a metodologia adotada; nas seções seguintes, procedemos à análise das duas coleções de livros didáticos do ensino médio, e, por fim, passamos às considerações finais e às referências.

1 À luz da sociolinguística variacionista

Nesta seção apresentamos alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, a qual serve de base para este artigo. Também, efetuamos o levantamento de bibliografia que trata sobre a perspectiva da sociolinguística educacional e sobre os estudos realizados sobre a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural no PB.

1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguísticas

O estudo científico da língua teve seu início a partir das constatações de Ferdinand de Saussure ([1912]2002), que diferenciou *langue* (língua) e *parole* (fala). Saussure não considerava as relações entre

língua e sociedade e, além disso, a língua era vista como uma estrutura homogênea. No entanto, em 1960, alguns linguistas perceberam que era preciso levar em conta a língua como mediadora entre o homem e a sociedade (FREITAG; LIMA, 2010).

A partir de um congresso organizado por William Bright, em 1964, que o termo “Sociolinguística” começou a aparecer. De acordo com Freitag e Lima (2010, p. 15), a sociolinguística “é uma continuidade dos estudos do começo do século XX, de Franz Boas, Edward Sapir, Benjamim L. Whorf, em uma corrente chamada Antropologia Linguística”. Essa corrente considera a linguagem, cultura e sociedade como fenômenos indissociáveis.

Uma das áreas de interesse da Sociolinguística é a *Sociolinguística Variacionista*, na qual a língua e a sociedade são vistas como algo inseparável (CAMACHO, 2008).

O que a sociolinguística faz, segundo Camacho (2008, p. 50), “é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças da natureza social, entendendo cada domínio (...) como fenômenos estruturados e regulares”.

William Labov, em 1963, quem inicia os estudos nessa área e de acordo com Coan e Freitag (2010, p. 174), “[...] crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala”. Portanto, “a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social)” (COAN; FREITAG, 2010, p. 175).

Um dos objetivos da Teoria da Variação e Mudança Linguística é “determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 122). Além disso, essas mudanças dependem consideravelmente da faixa etária e dos contatos linguísticos entre faixas etárias diferentes. Weinreich, Labov e Herzog (2006) expõem como exemplo que uma criança dificilmente preservará características do dialeto de seus pais, mas sim do dialeto que crianças da mesma idade possuem.

É importante considerar que as mudanças linguísticas acontecem dentro da comunidade de fala e não está confinada dentro da família (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 126). Por isso que a mudança, quando ocorre, “afeta” significativamente a comunidade como um todo.

Nessa perspectiva, a língua possui variáveis e variantes. Para exemplificar, a variável investigada neste estudo é a referência de primeira pessoa do plural e suas variantes são os pronomes *nós* e *a gente* em uso no português brasileiro contemporâneo falado e escrito.

Na próxima seção, apresentaremos algumas estudos de base sociolinguística educacional, que apresenta novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa.

1.1.1 A variação e o ensino

Alguns estudos já têm sido feitos na interface da variação e do ensino, (BORTONI-RICARDO, 2004; BAGNO, 2007). Esses autores apresentam atividades para que todos os alunos tenham acesso à

cultura letrada, além disso promovem estratégias de transformação da sala de aula a partir do estudo da língua como forma de reflexão e não de exclusão.

Ao depararmos com esses estudos, pensamos o ensino como papel fundamental da escola. No entanto, muitas vezes, a escola é um lugar de preconceito linguístico, pois, desde cedo, as crianças já possuem uma linguagem característica e própria que se diferencia da utilizada pelos jovens e adultos, por exemplo. De acordo com Viana (2005, p. 18), “através da linguagem as crianças aprendem desde cedo a usar ou se submeter ao preconceito, quando deveriam na verdade aprender a repudiá-lo e a se defender dele com argumentos linguísticos”.

Sob o enfoque da sociolinguística com viés educacional, os PCNs (1998) abordam que:

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes (...) frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 81).

Bagno (2007, p. 70) destaca que ensinar gramática⁷ durante as aulas é necessário, porém “é mais do que ensinar, é nossa tarefa construir o conhecimento gramatical dos nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem da gramática da língua”. Por isso, é preciso repensar a forma como estamos lidando com esse conhecimento e rever os conteúdos ensinados durante as aulas. Para isso, Bagno (2007, p. 82) sugere que uma reeducação sociolinguística seria muito importante. Isso significa que precisamos “formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com outras pessoas”. O aluno já sabe falar a língua portuguesa e o papel da escola é apenas desenvolver ainda mais essa capacidade, promovendo práticas de leitura e escrita que ajudam-no a compreender a sua língua. Também é papel da escola mostrar as variedades que são menos “prestigiadas” e reconhecer a diversidade linguística existente.

A sociolinguística dentro da sala de aula só ocorre com uma boa formação e atualização do professor e, principalmente, a partir de um pensamento crítico diante do livro didático utilizado em sala de aula. Sobre o ensino dos pronomes *nós* e *a gente*, verifica-se que geralmente os professores de língua portuguesa baseiam-se no que está posto no livro didático, sem sequer tratar do pronome inovador, já que ele não aparece na tabela dos pronomes pessoais.

Na próxima seção apresentaremos os estudos que tratam a variação no uso dos pronomes *nós* e *a gente*.

1.2 A variação no uso dos pronomes de primeira pessoa do plural no PB

Há vários estudos (TAMANINE, 2002; MOLLICA E NASCIMENTO, 2006; ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009) que analisam a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural. De modo geral, os

⁷ Nesse caso, a gramática em foco é a normativa, já que é essa que está presente nos livros didáticos.

resultados das pesquisas mostram que o pronome inovador *a gente* está se difundindo cada vez mais na língua tanto na modalidade escrita quanto na falada. Essa variação é influenciada tanto por fatores linguísticos como por extralinguísticos.

De modo específico, se analisarmos a faixa etária, por exemplo, os mais jovens preferem usar o pronome *a gente* enquanto que os mais velhos utilizam a forma conservadora *nós*. Também, de acordo com os estudos, quanto à variável sexo/gênero, as mulheres preferem a forma inovadora *a gente* enquanto que os homens tendem a utilizar mais a forma *nós*.

Na pesquisa de Tamanine (2002, p. 62)⁸, “a variável faixa etária foi um dos fatores mais relevantes para determinar a variação dos pronomes”. Os resultados mostram que os mais jovens preferem a forma *a gente*. Uma questão importante desse estudo são os resultados obtidos através do fator localidade: Blumenau apresentou maior índice de uso de *a gente*, enquanto Chapecó⁹ mostrou mais uso de *nós*. Porém, Tamanine (2002, p. 64) aponta que, “mesmo havendo uma maior tendência em Blumenau para o uso de *a gente* e em Chapecó para o uso de *nós*, a frequência geral dos dados das cidades mostra que o uso de *a gente* está crescendo”.

Mollica e Nascimento (2006)¹⁰ demonstraram que “tanto em contexto mais formal quanto em contexto informal, o uso da forma inovadora *a gente* é privilegiado e prevalece em relação à forma variante *nós*”:

Cabe transcrever algumas conclusões dos pesquisadores:

a) Pelo fato de a variação entre *nós* e *a gente* não resultar em estigmas sociais, as variantes examinadas na pesquisa tendem a coexistir em todas as situações de uso; b) a forma inovadora *a gente* se mostra muito mais produtiva na língua falada, quase substituindo a tradicional *nós*, c) apesar de não haver desprestígio linguístico na variação *nós* ~ *a gente* supomos que a forma conservadora *nós* tende a ser mais frequente na modalidade escrita da língua; (MOLLICA; NASCIMENTO, 2006, p. 232).

Os resultados da pesquisa de Zilles (2007) mostram que a variação dos pronomes ocorre em ritmo mais lento nas cidades menores, onde há bilinguismo, enquanto que, nos grandes centros, o uso de *a gente* é mais difundido. Também, as mulheres preferem o uso de *a gente* enquanto que os homens utilizam mais a forma conservadora *nós*.

De acordo com Brustolin (2009, p. 91)¹¹, o pronome inovador *a gente* não é estigmatizado, o que ocorre é que ele varia de acordo com as gerações, sendo que os mais velhos utilizam mais o pronome *nós* enquanto que os jovens preferem *a gente*. Os resultados da pesquisa de Brustolin (2009, p. 165) demonstram

⁸ Para sua investigação, Tamanine (2002) utilizou do Banco de Dados do VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul) os dados referentes às cidades de Blumenau, Lages e Chapecó. Foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade.

⁹ A autora justifica o maior índice de *nós* em Chapecó, considerando que a cidade poderia ser considerada como a de formação mais recente, mantendo uma rede mais fechada de relações e sofrendo menos pressão de fatores externos do que as outras.

¹⁰ Os autores pesquisaram a variação dos pronomes *nós* e *a gente* com os dados oriundos de gravações realizadas em uma escola de ensino privado da Zona Sul do Rio de Janeiro, com alunos de classe média alta. Os alunos tinham entre 14 e 16 anos.

¹¹ O corpus da autora consiste em investigar se o pronome *a gente* já está inserido na língua oral e escrita de alunos do ensino fundamental (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série) em quatro escolas da rede pública de ensino na cidade de Florianópolis – região leste de Santa Catarina. Os alunos tinham entre 10 a 19 anos.

que “o pronome inovador *a gente* está se efetivando na língua, tanto na modalidade falada quanto na escrita, dos alunos de ensino fundamental”. Além disso, o que influencia diretamente a variação dos pronomes pessoais *nós* e *a gente* são fatores linguísticos (internos/estruturais) e extralinguísticos (externos/sociais).

Os resultados do estudo sobre os pronomes *nós* e *a gente*, de Omena (2003 apud BRUSTOLIN, 2009, p. 57), “mostraram uma situação de estabilidade, no presente momento, no uso do fenômeno variável, um caso de mudança linguística que já vem sendo implementada, há muito, na comunidade estudada”.

No quadro 1, a seguir, sintetizamos os resultados dos estudos feitos sobre a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural:

	Nós	A gente
Localidade	Cidades menores, principalmente onde há bilinguismo (ZILLES, 2007).	Grandes centros
Sexo/gênero	Homens (ZILLES 2007)	Mulheres
Idade	+ velhos (BRUSTOLIN, 2009).	+ jovens
Escolaridade	Ensino fundamental (OMENA, 1996 apud TAMANINE, 2002).	Ensino médio
+ Fala		X
+ Escrita	X	

Quadro 1: Síntese do estudos sobre variação de 1ª pessoa do plural.

O quadro 1 mostra que o uso do pronome *a gente* se dá preferencialmente nos grandes centros, pelos mais jovens, estudantes do ensino médio (OMENA, 1996 apud TAMANINE, 2002), por causa do uso de gírias e da linguagem informal. Além disso, o uso do *a gente* é de preferência das mulheres, como revelou o estudo de Zilles (2007).

2 Metodologia

A metodologia deste artigo está dividida em duas partes: primeiramente, apresenta-se uma pesquisa bibliográfica em livros sobre os pressupostos da sociolinguística variacionista, da interface entre variação e ensino e também em pesquisas que analisam a variação no uso da primeira pessoa do plural no Brasil. Posteriormente, é realizada a análise qualitativa nas coleções de livros didáticos selecionados para este estudo, focando o tratamento dado à variação de primeira pessoa do plural nos capítulos que tratam sobre categorias morfossintáticas, também nas seções de produção de texto.

Ambos os livros analisados neste estudo constam do Guia do Programa Nacional do Livro Didático¹², publicado em 2012. A coleção de livros didáticos de português utilizada na Escola de Educação Básica Marechal Bormann¹³ é “Língua Portuguesa: Projeto Eco”, de Roberta Hernandez e Vima Lia Martin¹⁴, da Editora Positivo, é uma coleção com três volumes e foi publicada no ano de 2009 para utilização no triênio 2012, 2013 e 2014. A coleção de livros didáticos de português adotada pela Escola de Educação Básica Madre Benvenuta é “Português – Contexto, interlocução e sentido” de Marcela Pontara, Maria Bernadete Abaurre e Maria Luiza Abaurre¹⁵, da Editora Moderna. É uma coleção com três volumes e o ano de publicação deste livro é 2008, também para utilização no triênio 2012, 2013 e 2014.

Foram analisadas duas seções de cada coleção de livros didáticos, que tem como título “A língua em uso” e “Produção de texto” no livro “Projeto Eco”, e “Gramática” e “Produção de texto” no livro “Português – Contexto, interlocução e sentido”. A escolha dessas duas seções se deu porque, nas duas coleções de livros didáticos, observa-se o desenvolvimento, prescrito nos PCNs, das habilidades de escrita, leitura, fala e escuta, dentre outras.

No estado de Santa Catarina, as orientações curriculares para o ensino médio recomendam a adoção do livro didático como ferramenta de apoio do professor: “o livro didático é – ou deve ser – um recurso a mais, entre tantos, de que o professor dispõe para estruturar e desenvolver seu curso e suas aulas” (2006, p. 154). Ou seja, é de fundamental importância que o professor tenha domínio dos conteúdos e saiba buscar conhecimento em outros materiais de apoio para que os estudantes tenham maior conhecimento dos assuntos tratados e não fiquem restritos ao uso do livro didático. Os PCNs não abordam o uso específico do livro didático em sala de aula, somente apresentam e indicam o uso de materiais didáticos diversos.

As duas escolas foram escolhidas para fazerem parte deste estudo porque possuem um perfil semelhante. As duas instituições são da rede estadual de ensino e se situam no centro da cidade, além de possuírem Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)¹⁶ próximos. O Ideb¹⁶ de 2011 da Escola de Educação Básica Marechal Bormann de Chapecó é 5.3, e da Escola de Educação Básica Madre Benvenuta é 5.4. Essas duas notas equivalem à qualidade da educação básica dos anos finais, sendo que a meta para 2022 é de que o Ideb do Brasil seja 6.0, que é a média dos países desenvolvidos.

¹² O Guia de livros didáticos PNLD 2012 de Língua Portuguesa possui 11 livros didáticos aprovados pelo MEC. Cada resenha apresenta uma visão geral do livro, um quadro esquemático que aponta pontos fracos, pontos fortes, destaques, programação do ensino e manual do professor. Depois, passa-se a uma breve descrição do livro e à análise. A análise considera o desenvolvimento das habilidades de escrita, leitura, fala e escuta, dentre outras.

¹³ O uso das duas coleções de livros didáticos, após um contato prévio, foram autorizadas e emprestadas pelas professoras das duas escolas.

¹⁴ Roberta Hernandez Alves é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e Vima Lia Martin é Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP.

¹⁵ Maria Luiza M. Abaurre é Bacharel em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Letras na área de Teoria Literária pela Unicamp. Maria Bernadete M. Abaurre é Licenciada em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de New York – Buffalo. Marcela Pontara é Licenciada em Letras (Português – Latim) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

¹⁶ De acordo com o Ministério da Educação, O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é uma das formas de medir a qualidade da educação básica, além de mostrar o perfil dos alunos que estão entrando no ensino médio.

A próxima seção está dedicada ao levantamento do tratamento da variação dos pronomes de primeira pessoa do plural nas duas coleções de livros didáticos do ensino médio.

3 O tratamento da variação dos pronomes de primeira pessoa do plural nos livros didáticos

Nesta seção apresentaremos a análise feita sobre o tratamento nas duas coleções de livros didáticos. Iniciamos a análise com a coleção “Projeto Eco” e na sequência com a coleção “Português - Contexto, Interlocução e Sentido”.

3.1 Os pronomes de primeira pessoa do plural na coleção “Projeto Eco”

Desta coleção, analisaremos as seções “A língua em uso” e “Produção de texto”. Raramente encontramos o pronome inovador *a gente* como sendo uma variação do pronome *nós*.

Nas seções que tratam de pronomes, colocação pronominal e concordância verbal, o pronome *a gente* não é mencionado, sequer há uma observação de que o pronome inovador *a gente* é uma variação do pronome *nós*.

3.1.1 Os pronomes de primeira pessoa do plural na seção “A língua em uso”

No volume 1, esta seção possui 5 capítulos, e inicia no capítulo 3 tratando das diferenças entre a linguagem verbal e não verbal. No capítulo 6 aborda a dimensão sonora da língua. No entanto, nesse capítulo o pronome *nós* é apresentado a partir da letra de música “Ai, se sêsse”, de Zé da Luz, na parte destinada aos exercícios do capítulo 6. A proposta de questão é:

- a) Sabendo que a variante normativa da frase “Se um dia nois **se** gostasse” é “Se um dia nós **nos** gostássemos”, justifique a utilização do pronome **se** em vez de **nos**.
(HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 75, grifo dos autores).

No manual do professor (p. 76), a resposta para essa pergunta é a seguinte: “o pronome ‘se’ foi utilizado porque estabelece concordância com um suposto sujeito “a gente” (em vez de nós)”. Dessa forma, o livro didático espera que emergja das respostas as duas possibilidades de que os falantes de PB dispõem para referirem-se à primeira pessoa do plural.

A partir desse exercício, destaca-se a presença da variante de prestígio, o pronome *nós* seguido do pronome clítico prestigiado *nos* e, em contrapartida, o uso de *nois* seguido do pronome desprestigiado *se*. O livro didático corrige o uso da forma desprestigiada e mostra como deve ser. Porém, utiliza de forma errônea o termo **variante normativa** referindo à norma padrão, que, segundo Faraco (2008) não é propriamente uma variedade da língua.

Embora o falante use a variante de prestígio *nois*, como mostra o trecho da letra de música, ele a utiliza concordando com o *se*. Em relação ao clítico *se*, na fala, é comum ouvirmos concordâncias do tipo:

“como tu *se* chama”, ao invés de “como tu *te* chamas”. No entanto, é possível que o falante também utilize essa concordância para o pronome *nós*, por exemplo, “*nós se* gostamos”.

Também é importante considerar que o *nois* apresentado na letra de música é um caso de ditongação, que, de acordo com Callou (et al, 2000, p. 95), “é um processo que ocorre em vários contextos, não só pela inserção de uma semivogal (doze – do[w]ze), mas também pela modificação de uma consoante, em posição de coda silábica”. O livro didático e o manual do professor sequer chamam a atenção para este caso de variação fonética no PB.

Acerca do trabalho com letras de música no ensino de língua, Bagno (2007) aponta que:

Os sambas de Adoniran e os poemas de Patativa não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam. Não são, nem têm que ser, já que em todas essas manifestações está presente uma intenção lúdica, artística, estética e, nem de longe, um trabalho científico rigoroso.
(BAGNO, 2007, p. 120).

O capítulo seguinte aborda as variedades linguísticas, o uso da gíria e o preconceito linguístico. Este capítulo apresenta uma atividade com o objetivo de que o aluno assinale a opção que representa uma inadequação da linguagem usada ao contexto:

O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto. Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto:

- a) “o carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito” – um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.
- b) “E aí, ô meu! Como vai essa força?” – um jovem que fala para um amigo.
- c) “Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação” – alguém comenta em uma reunião de trabalho.
- d) “Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa” – alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
- e) “Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros” – um professor universitário em um congresso internacional.

(HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 125).

Dentre as alternativas, segundo as expectativas dos autores no manual do professor a que estaria inadequada ao contexto da atividade é a alternativa “e)”, que faz uso do pronome *a gente*. Nesse caso, o livro didático apresenta *a gente* como uma forma inadequada em situações mais formais da língua oral. Porém, além do uso em circunstâncias de fala menos monitoradas e em contextos menos formais de uso da língua oral, pode ser utilizado em situações de maior monitoramento, conforme constatou Zilles (2007), ao analisar entrevistas de 36 falantes da cidade de Porto Alegre, sendo a maioria com instrução universitária. O uso de *a gente* é frequente na fala, e não é estigmatizado.

A pesquisa de Omena, que foi o trabalho pioneiro nesse assunto, publicado em 1996, revelou que:

O *ginásio* interfere no uso de *nós* e de *a gente* proporcionando um maior uso de *nós* (.78) e um menor uso de *a gente* (.22) pelo informante. Ela [Omena] supõe que o fato do assunto *conjugação verbal* ser ensinado nessa fase, assim como na 4ª série do primário, seja uma possível explicação para que os informantes com primário também usem mais a forma *nós*. Porém, quando analisados os dados de informantes com 2º grau, estes voltam a usar *a gente*, talvez como gíria, como forma de identificação do grupo.

(OMENA, 1996, apud TAMANINE, 2002, p. 57, grifo dos autores).

Dessa forma, é possível perceber que o uso do pronome inovador é frequente na língua, o que interfere o uso são os fatores escolaridade, sexo e faixa etária.

Além disso, a questão não define um contexto de fala específico ao dizer que “O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto”. No entanto, não é possível saber qual é o contexto de fala, pois há duas modalidades presentes na questão: a oral nas alternativas “a”, “b”, “c” e “e” e a escrita na alternativa “d”.

No capítulo 15 é apresentada a explicação das noções de denotação e conotação, mas os textos selecionados como exemplos apresentam somente o uso do pronome conversador: “Tome-se um homem, feito de nada, como nós” (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 175). O capítulo seguinte apresenta a origem e o desenvolvimento da língua portuguesa e um dos textos selecionados como atividade utiliza o pronome *a gente*: “A gente volta pro samba, a gente encerra o glamour” (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 208), porém o objetivo da questão era identificar as palavras oriundas do francês. A marca morfêmica do pronome *nós* aparece no último capítulo, em um anúncio publicitário, ao explicar sobre figuras de linguagem: “Servimos qualidade”.

No volume 2, a seção “A língua em uso” possui 5 capítulos. Mostra a linguagem utilizada na internet, apresenta as classes de palavras, os verbos, pronomes e colocação pronominal. No capítulo 3, o livro destaca algumas características da linguagem da internet, sendo que uma delas apresenta o pronome inovador: “jah eh tarde dpois a gente se fla vem aki em ksa amanhã se der”. O capítulo seguinte não aborda o uso de nenhum dos pronomes, dedicando-se a explicação das classes de palavras e a construção do sentido nos textos. O capítulo 11 expõe o uso do verbo, mas, todos os modos (presente do indicativo, imperativo afirmativo, presente do subjuntivo, imperativo negativo) aparecem flexionados a partir da tabela tradicional dos pronomes.

Sobre os pronomes, o livro didático apresenta, no capítulo 15, a tabela tradicional dos pronomes sem nenhuma menção ao pronome inovador *a gente*:

PRONOMES PESSOAIS				
Número	Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo átonos	Caso oblíquo tônicos
Singular	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele, ela	se/o, a, lhe	si, consigo/ele, ela
Plural	1ª	nós	nos	nós, conosco
	2ª	vós	vos	vós, convosco
	3ª	eles, elas	se/os, as, lhes	si, consigo/ eles, elas

Figura 1: Os pronomes pessoais (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 217).

Lopes (2003, p. 15) apresenta um novo quadro de pronomes pessoais do português brasileiro e destaca que “a mera substituição de um quadro por outro não resolveria o problema, pois as formas *nós ~ a gente* e *tu ~ você* coexistem no português brasileiro” como variável estável¹⁷. Segundo a autora, ainda é preciso mencionar a existência dos pronomes em desuso, como é o caso do pronome arcaizante *vós* que ainda aparece nos textos bíblicos, em textos mais antigos e alguns textos literários.

Quadro II (situação atual)

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	EU	ME	MEU/MINHA
P2	TU/VOÇÊ	TE,LHE,(SE), VOÇE	TEU/TUA/SEU/SUA/ DE VOÇÊ
P3	ELE/ELA	O, A (SE)/LHE/ELE(A)	SEU/SUA/DELE(A)
P4	NÓS/A GENTE	NOS/A GENTE	NOSSO(A)/DA GENTE
P5	VOCÊS	VOCÊS/LHES/SE	SEU(S)/SUA(S)/DE VOCÊS
P6	ELES/ELAS	OS, AS (SE)/LHES/ELES(AS)	SEU(S)/SUA(S)/DELES(AS)

Figura 2: Quadro pronominal do português brasileiro (LOPES, 2003, p. 15.)

O último capítulo aborda as questões de acentuação gráfica e pontuação, mas, os exemplos selecionados utilizam o pronome conservador: “Nós somos apenas vozes [...] nós, por exemplo, queremos cantar [...]” (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 273).

No volume 3, a seção “a língua em uso” tem 5 capítulos e inicia, no capítulo 3, apresentando as regras de concordância verbal e nominal, o emprego de tirinhas é recorrente, mas somente é utilizado o pronome *nós*.

Em uma atividade do capítulo 3, o pronome *nós* aparece na letra de música “Nóis não usa os bleque tais”¹⁸, de Adoniran Barbosa:

Algumas vezes o modo diferenciado de realizar a concordância leva determinados falantes da língua a sofrerem preconceito linguístico (...) a) identifique, no texto, usos de concordância que não obedecem à norma padrão do português. (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 74).

O livro do professor apresenta a seguinte expectativa de resposta: “esses usos são: ‘meus carinho mais carinhoso’, ‘suas mão’, ‘nóis se gosta’, ‘nóis não usa’”.

O objetivo da atividade é fazer com que o aluno identifique, na letra de música, as concordâncias verbais que não estão de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, porém, sabemos que, na fala, essa forma de uso da língua é recorrente. Além disso, a questão não incentiva o aluno a refletir sobre que

¹⁷ Variação estável significa que “o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre a(s) outra(s)”. (LUCCHESI; ARAÚJO, [2014?]).

¹⁸ Nóis não usa os bleque tais / O nosso amor é mais gostoso / Nossa saudade dura mais / O nosso abraço mais apertado / Nóis não usa as bleque tais / Minhas juras são mais juras / Meus carinho mais carinhoso / Suas mão são mãos mais puras / Nóis se gosta muito mais / Nóis não usa as bleque tais

língua é essa na letra da música, mas parte do pressuposto da correção, mostrando uma contradição com o que é abordado no início da questão sobre o preconceito linguístico.

O objetivo das questões é primeiramente identificar quais são os erros, para então, o aluno ter conhecimento de que essas frases não pertencem à norma padrão da língua portuguesa.

Ainda no capítulo 3, no texto de Marcos Bagno, “Quem ri do quê”?, é feito destaque ao pronome *a gente* junto aos pronomes pessoais, porém, as questões são destinadas à interpretação do texto e ao estudo do preconceito linguístico, por exemplo:

a) O texto discute o modo como as diferenças linguísticas são avaliadas por alguns brasileiros. Qual é o exemplo usado pelo autor do texto para explicar seu ponto de vista? (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 77).

No livro do professor (p. 77) há a seguinte sugestão de resposta: “a) o autor compara as diferenças existentes entre a morfologia verbal do inglês e do português para mostrar como elas são avaliadas de modo diferenciado por alguns brasileiros”. Acredita-se que essa não seja a questão que Bagno queira abordar, e sim, o aspecto social que a língua tem, ou seja, o inglês nada tem de “mais bonito” ou “mais correto” que o português.

Neste texto, Bagno mostra que “do ponto de vista exclusivamente estrutural, não há nada de melhor em I / you / he / she / it / we / you / they lived nem nada de pior em eu / tu / você / ele / ela / nós / a gente / vocês / eles / elas morava” (2009, p. 77), porém, o livro didático não explora a questão referente à concordância e a presença do pronome *a gente* que o autor mostra.

O capítulo 7 destaca a regência verbal, mas as frases utilizadas como exemplos apresentam o uso do pronome conservador: “Nós visamos a posições de destaque” (HERNANDES; MARTIN, 2009, p. 126).

O próximo capítulo apresenta os períodos compostos por coordenação, no entanto, destaca-se a letra de música “Velha infância”, de Arnaldo Antunes e Marisa Monte. No livro didático, três frases da música estão sublinhadas: “E a gente canta, e a gente dança, e a gente não se cansa”, porém, não há nenhum destaque para o uso do pronome inovador *a gente*, somente uma explicação de que essas frases são coordenadas sindéticas aditivas. Os capítulos seguintes dedicam-se ao estudo da coesão e coerência, sem mencionar o uso do pronome inovador.

Percebe-se que, os autores perderam a chance de tratar da variação dos pronomes de primeira pessoa do plural nos 3 volumes. Talvez seja uma situação um pouco contraditória, ao se tratar de uma seção que se intitula “A língua em uso”.

Dada à carência de informação, é relevante que o professor aproveite as atividades para inserir o conteúdo preparando material extra, já que os PCNs recomendam utilizar vários materiais didáticos e não somente o livro didático.

3.1.2 Os pronomes de primeira pessoa do plural na seção “Produção de Texto”

A seção “Produção de texto” possui 6 capítulos e propõe o trabalho a partir de gêneros textuais. No volume 1 do livro didático “Projeto Eco” trabalham-se os gêneros cartaz, poema, texto teatral, crônica, relatório e artigo de opinião. Também, um dos capítulos apresenta uma definição de gênero textual.

O capítulo 4 apresenta os gêneros cartaz de divulgação e cartaz educativo. O livro didático apresenta algumas características desse gênero, por exemplo, “apresenta duas partes complementares: uma visual, e outra verbal, formada geralmente por um texto curto, escrito em linguagem simples para facilitar uma leitura rápida” (2009, p. 52). A linguagem simples pode ser compreendida como uma linguagem informal, podendo apresentar o uso do pronome inovador *a gente* em seus textos, porém, esse capítulo não menciona e não apresenta nenhum cartaz utilizando essa variação.

Do pronome conservador são utilizados exemplos de artigo de opinião, por exemplo, nos trechos “somos levados a consumir de tudo um pouco...” (2009, p. 276) e também em “ao acordar, vamos ao banheiro e consumimos água, eletricidade, pasta de dente e sabonete” (2009, p. 279).

O capítulo seguinte aborda o poema em prosa e o poema visual. Os poemas que são selecionados pelo livro didático empregam uma linguagem mais formal, por isso, dificilmente encontraremos o uso do pronome *a gente*. Porém, alguns autores consagrados já fazem uso desse pronome em seus poemas, porque utilizam uma linguagem mais informal. É o caso do poema “explicação”, de Carlos Drummond de Andrade, que faz uso do pronome *a gente* no seguinte verso: “e *a gente* viajando na pátria sente saudades da pátria”, também, no poema “Pergunte ao pó” de Paulo Leminski, no seguinte trecho: “o que *a gente* sente e não diz cresce dentro”. Porém, esses poemas não aparecem no livro didático analisado.

Os gêneros apresentados nos capítulos seguintes não utilizam o pronome inovador, embora alguns deles possuem relação com a fala, como é o caso do texto teatral.

A seção do volume 2 tem 5 capítulos e aborda o gênero blog, debate, resenha, notícia e reportagem. No capítulo 4, o livro define o gênero blog como “jornal/diário digital/eletrônico pessoal publicado na web, normalmente com toque informal” (2009, p. 64).

O capítulo 8 aborda o gênero debate que é predominantemente oral. No entanto, os textos são extraídos a partir de debates mostrados na televisão, em que predomina uma linguagem mais formal. O capítulo 12 mostra o gênero resenha, sendo que nenhuma das resenhas selecionadas apresentou o uso do pronome inovador *a gente*.

O capítulo 16 apresenta o gênero notícia e traz um exemplo extraído do jornal da ONU, na qual predomina a linguagem formal. O último gênero do livro didático é o gênero reportagem, que assim como a notícia, pode ser “mais ou menos informal, dependendo do contexto de circulação e do público a que se destina” (2009, p. 280). Porém, as reportagens selecionadas nesse capítulo não apresentam linguagem informal. O exemplo de reportagem trazida no livro usa o pronome conservador, como mostra o seguinte trecho: “à medida que subimos, o clima fica mais frio e o ar mais rarefeito...” (2009, p. 278).

No volume 3, esta seção tem 5 capítulos e propõe o estudo dos gêneros seminário, conto, ensaio, redação. A maioria dos gêneros abordados nesse volume, exceto o seminário que é um gênero oral, também

apresentam uma linguagem mais formal sem relação com a fala, no entanto, a hipótese é de que o *a gente* dificilmente terá espaço dentro desses gêneros.

A proposta de atividade com o gênero seminário é a de que os alunos se organizem em grupos para a elaboração de seminários sobre o tema “vanguardas europeias”, no entanto, uma das indicações do livro didático para a apresentação da atividade é de que “a linguagem e o vestuário usados pelo grupo, bem como o cenário da apresentação, podem ser itens importantes para expressar os princípios de cada vanguarda” (2009, p. 79). Considerando o tema do seminário, espera-se que a linguagem utilizada pelos alunos seja mais formal, no entanto, novamente o pronome *a gente* não terá muito espaço.

O gênero conto é apresentado com o conto de Lygia Fagundes Telles “venha ver o pôr do sol”. O conto selecionado pelo livro didático não apresenta linguagem informal, porém, em um dos contos de Lygia Fagundes Telles (2009, p. 10), “As formigas”, o pronome *a gente* ocorre na maioria dos diálogos: “- De um ano? É mesmo, *a gente* vê que já estão formados [...]”.

O gênero ensaio é abordado a partir de textos sobre violência. Um dos textos é uma letra de música do Gabriel, o pensador. A música “A paz” faz uso recorrente do pronome *a gente*: “pela paz *a gente* canta, *a gente* berra”, porém, o uso desses pronomes não é considerado relevante para o estudo do gênero.

O último gênero é a redação no Enem que também aponta a questão de que o texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa. Novamente a seleção de textos escolhidos não permite que o pronome inovador *a gente* tenha destaque no livro didático, porque a maioria dos textos trazidos como exemplo utilizam o pronome conservador *nós*.

A seguir apresentaremos um quadro com os gêneros abordados nos três volumes, observando que nenhum deles usa o pronome *a gente*:

Nós	<i>A gente</i>	+ Fala	+ Escrita
Cartaz de Divulgação		x	
Poema			x
Texto Teatral	x	x	
Artigo de Opinião			x
Blog	x	x	x
Debate		x	x
Resenha			x
Notícia			x
Reportagem			x
Seminário		x	x
Conto			x
Ensaio			x

Redação/Texto dissertativo			X
-------------------------------	--	--	---

Quadro 2: Gêneros abordados no livro didático “Projeto Eco”.

No quadro apresentado, os gêneros textuais abordados na coleção “Projeto Eco” são, predominantemente, de escrita, portanto, o pronome inovador *a gente* não será utilizado com frequência, somente, aqueles que permitem o uso de uma linguagem menos formal. De acordo com Marcuschi (2007, p. 62), “tanto a fala como a escrita apresentam *um contínuo de variações*, ou seja, *a fala varia e a escrita varia*”. Portanto, mesmo que os gêneros abordados possuem mais características da escrita, em alguns deles, poderia ter sido utilizado o pronome *a gente*, como é o caso dos poemas, por exemplo.

As duas seções analisadas até apresentam alguns textos e atividades com o uso do pronome inovador *a gente*, porém não promovem reflexões sobre ele, e sim, atividades de correção, ou de reescrita do texto para a variante conservadora, a de prestígio.

3.2 Os pronomes de primeira pessoa do plural na coleção “Português - Contexto, Interlocução e Sentido”

Desta coleção, analisaremos as seções “Gramática” e “Produção de texto”. A seção de gramática foca a língua em uso, trazendo temas como a variação linguística, preconceito linguístico e também apresenta aspectos gramaticais. A seção de Produção de texto aborda os gêneros textuais, assim como a coleção “Projeto Eco”.

A seguir abordaremos o tratamento dado à variação dos pronomes de primeira pessoa do plural na seção “Gramática”.

3.2.1 Os pronomes de primeira pessoa do plural na seção “Gramática”

No volume 1 a seção “Gramática” tem 10 capítulos. A seção inicia na unidade 4, no capítulo 12, apresentando a variação linguística. Também apresenta uma definição de língua e linguagem e signo linguístico. A definição de língua apresentada no livro é de que “língua é um sistema de representação socialmente construído, constituído por signos linguísticos” (2008, p. 208). É interessante ressaltar que o conceito de língua abordado pelo livro didático é voltado para os pressupostos da sociolinguística, na qual a língua é socialmente construída.

Ao mencionar as variedades linguísticas presentes na língua portuguesa, o livro destaca que “as variedades sociais costumam apresentar diferenças significativas em termos fonológicos (“bicicreta” por bicicleta) e morfossintáticos (“a gente fumo” por nós fomos)” (2008, p. 212). Ao utilizar o pronome *a gente* flexionado de uma forma desprestigiada, o livro didático tem a pedagogia da correção, mostrando que “a gente fumo” é a forma “incorreta” de falar “nós fomos”. Ao final dos exemplos citados no livro didático, o

livro apresenta que “são essas, na verdade, as diferenças linguísticas que costumam entrar em conflito com a norma culta, tanto na fala quanto na escrita” (2008, p. 212). Porém, como sabemos, não existe uma comunidade de fala que usa somente a variante de prestígio, pois mesmo os falantes com grau de escolaridade elevado, em situações menos monitoradas, usam variantes desprestigiadas.

No capítulo 13, há um texto sobre os usos de estruturas coloquiais na escrita. Este texto é um trecho de “O diário de Tati”, da atriz Heloísa Périssé. O texto possui várias expressões de uso informal, como as gírias. Dessa forma, o pronome *a gente* aparece em uma das frases, “a verdade é que mãe é sempre chata, mas a verdade também é que a gente não vive sem elas” (2008, p. 222). O pronome *a gente* está sublinhado na cor azul para identificar que é uma estrutura típica da fala coloquial.

O livro didático também propõe a análise de um e-mail que apresenta um grande número de uso informal da linguagem já que foi escrito para parentes e amigos. Neste texto também há uso recorrente do pronome *a gente*, levando em consideração a informalidade do contexto. A atividade é fazer com que os alunos reescrevam o texto, eliminando as marcas da oralidade e resolvendo problemas de ortografia, já que os alunos deverão reescrever o texto para um jornal.

Ao final do capítulo 13, há dois textos com a presença do pronome *a gente*, o primeiro é “interrogatório” de Aparício Torelly: “- O senhor não vê que com cinquenta cruzeiros daqui, cinquenta dali, a gente vai vivendo mais ou menos?”. O segundo texto é a escrita virtual: “o importante eh a gte c comunikr” (ABAURRE et al, 2008, p. 232), mas o objetivo dos textos é fazer com que os estudantes transcrevam as palavras que não são mais acentuadas, no primeiro texto, e, no segundo, é transcrever o texto para uma linguagem que respeita as regras prescritas pela convenção ortográfica. Nessa atividade, o livro expõe um exemplo da linguagem escrita dos jovens, no entanto percebe-se que o pronome inovador aparece apenas nesse estilo de escrita.

O capítulo 14 aborda a dimensão discursiva da linguagem, mas não faz referência ao uso dos pronomes de primeira pessoa do plural. As marcas morfológicas do uso do pronome *nós* foram recorrentes em histórias em quadrinhos e em propagandas, capítulo 15 e 16: “rodamos tanto com os carros, que em uma mesma viagem conseguimos parar no sinal, no semáforo, na sinaleira e no farol” (ABAURRE et al, 2008, p. 261) e “durante **9 anos** mantivemos **milhões** de **espectadores** presos **em** suas **casas...** Em **28** de **agosto**, eles serão **libertados**.” (ABAURRE et al, 2008, p. 268, grifo dos autores). O capítulo 17 apresenta as figuras de linguagem, o 18 expõe a estrutura das palavras, o capítulo 19 explica a formação das palavras, mas não fazem referência ao uso dos pronomes de primeira pessoa do plural.

A marca morfológica também aparece em alguns textos, por exemplo, no capítulo 20, em “Transplante de amor” de Martha Medeiros: “Façamos de conta que sim. Você entrou no hospital com o coração...” (ABAURRE et al, 2008, p. 347).

O capítulo seguinte mostra uma piada que explora diferentes recursos da linguagem e que usa o pronome *a gente*: “- é que a bota, a gente calça, e a calça, a gente bota”, porém, novamente a reflexão sobre o uso do pronome inovador não é levado em consideração.

O próximo capítulo apresenta uma história em quadrinhos de Níquel Náusea que utiliza o pronome inovador *a gente*:



Figura 3: História em quadrinhos de Níquel Náusea (ABAURRE et al, 2008, p. 346)

O objetivo da atividade com história em quadrinhos é mostrar o emprego do diminutivo “professorinha”, portanto, o pronome *a gente* não foi um caso relevante de reflexão pelo livro didático.

O volume 2 possui 12 capítulos na seção de “Gramática”. As marcas morfêmicas do pronome *nós* ocorrem na propaganda, no capítulo 12: “Fazemos revistas para serem vistas e revistas” (2008, p. 307). Também aparece a realização de *nós* em outro anúncio: “Nós cuidamos bem da **saúde** para garantir todas as outras” (2008, p. 323).

Os capítulos 13 e 14 apresentam explicações sobre substantivo e adjetivo, porém, não mencionam o uso do pronome inovador. Os capítulos 15 e 16 apresenta os pronomes, sua definição e classificação a partir de uma história em quadrinhos. No quadro dos pronomes pessoais de português, o livro didático menciona o pronome inovador *a gente*, como na coleção do outro livro didático, e ele aparece em um quadro explicativo chamado “de olho na fala”:



Figura 4: História em quadrinhos de Mutts (ABAURRE et al, 2008, p. 347)

Com a ilustração dessa história em quadrinhos que explicita as variantes, o livro didático expõe o seguinte:

Na tira, o primeiro pássaro usa a forma *a gente* para identificar uma referência de 1ª pessoa do plural (ele e o outro pássaro que conversam no galho). Quando usamos a língua, principalmente em contextos coloquiais, é frequente usarmos a expressão *a gente* em lugar do pronome de 1ª pessoa do plural correspondente (*nós*). Nesse caso, é preciso cuidado com a concordância verbal, porque, embora identificando mais de uma pessoa, *a gente* é uma forma singular e os verbos que a ela se referirem devem ser flexionados na 3ª pessoa do singular.

Embora o livro didático mostre a variação entre os pronomes da primeira pessoa do plural, o livro não explora, com explicações e atividades, a respeito do pronome inovador.

O capítulo 17 expõe o artigo, numeral e interjeição. Ao explicitar o uso da interjeição, apresenta uma charge que usa o pronome conservador: “Pai, de que classe nós somos” (ABAURRE et al, 2008, p. 397). Os capítulos 18 e 19 abordam o estudo do verbo. O pronome *a gente* também é empregado na fala de outra história em quadrinhos no capítulo 19:



Figura 5: história em quadrinhos Só dando Gizada (ABAURRE et al, 2008, p. 444)

O objetivo do livro didático em selecionar essa história em quadrinhos é destacar o erro do verbo *pegados* em “Uma gangue de ladrões foram pegados pela Polícia ontem e...”, no entanto, o pronome *a gente* não é relevante para reflexão.

O pronome inovador também aparece em um texto de Adriana Falcão “Quem diria?”: “Eu sei que é difícil. Mas eu acho melhor a gente acabar aqui, Fulano”. A marca morfêmica do pronome *nós* aparece em uma charge no capítulo 20: “Sei que estamos perdidos [...]”. Também aparece novamente em um anúncio no capítulo 21: “É da terra que vivemos, é para a terra que trabalhamos”.

O *a gente* aparece em uma tira no capítulo 21, porém, o destaque é para o estudo da conjunção *e*, que indica uma adição:



Figura 6: tira de Frank e Ernest (ABAURRE et al, 2008, p. 485)

Os últimos dois capítulos não apresentam exemplos de uso do pronome inovador. Porém, deste volume, é preciso destacar que o pronome *a gente* apareceu em vários contextos no livro didático, mas pouco foi explorado, embora tenha sido mencionado em um quadro à parte.

O volume 3 tem 8 capítulos na seção “Gramática”, sendo que os 4 primeiros capítulos abordam o estudo do período composto, 2 apresentam o estudo da concordância e colocação pronominal e os dois últimos apresentam a crase e a pontuação no português.

O primeiro capítulo apresenta a articulação das orações e, para isso, usa exemplos de cartuns. Em um deles o uso do pronome conservador aparece implícito no trecho “Fomos a todos os museus, catedrais, concertos, provamos [...]” (2008, p. 264).

O capítulo 10 mostra o estudo das orações coordenadas, portanto, há um fragmento do texto de Marina Colasanti “eu sei, mas não devia”. Nesse texto o uso do pronome *a gente* é recorrente, “A gente se acostuma a acordar...”, “A gente se acostuma a abrir o jornal...”, porém, o objetivo do texto é mostrar o uso das conjunções mas e e.

O capítulo 11 aborda o período composto por subordinação, mas utiliza anúncios de frases com a marca morfêmica do pronome *nós*: “Agora que você já sabe o resuminho da semana, vamos ao que interessa” (ABAURRE et al, 2008, p. 295). O capítulo 12 apresenta um cartum que utiliza o pronome inovador no trecho “Quando a gente pensa que já se livrou dele...” (2008, p. 310), porém, novamente ele aparece sem ser objeto de estudo do livro. O capítulo 13 expõe o estudo da concordância nominal e verbal, porém, os exemplos que o livro didático mostra são com o uso do pronome *nós*, por exemplo, “Será que um dia nós ainda vamos ser um país cinco estrelas”, “Alguns de nós poderão morrer”, “nenhum de nós sabe escrever”.

O pronome *a gente* é apresentado a partir de uma propaganda, ainda no capítulo 13, ao tratar da silepse de pessoa:



Figura 7: propaganda da Lew, Lara (ABAURRE et al, 2008, p. 358)

O uso do *a gente* é seguido pelo verbo ganhar na primeira pessoa do plural, com a desinência *mos*, que geralmente é utilizada com o pronome conservador *nós*. Em relação ao uso do pronome *a gente* na propaganda, o livro didático destaca que:

O uso da silepse de pessoa, nesse caso, tem a função de chamar a atenção do leitor do jornal para a natureza do prêmio conquistado: a agência, além de receber vários prêmios da crítica especializada (3 medalhas de ouro no Clube de Criação de São Paulo, um leão de bronze em Cannes), teve o filme Lua II escolhido como comercial do ano pelo Voto Popular. A associação entre a forma *a gente ganhamos* e a fala característica de uma variedade popular é imediata. E, no anúncio, essa associação funciona para “traduzir” a mensagem desejada pela agência: somos os preferidos do “povão”. (ABAURRE et al, 2008, p. 358, grifo dos autores).

A partir do que aborda o livro didático, o pronome inovador *a gente* só está presente na fala de uma comunidade que é tratada pejorativamente, caracterizada como “povão”. Zilles (2007), por exemplo, analisou entrevistas de informantes com instrução universitária e constatou que o uso desse pronome é frequente por esses falantes e não é estigmatizado. Os capítulos seguintes 14, 15 e 16 não apresentam textos com o uso do pronome inovador, somente com o uso do *nós*. Por exemplo, ao expor sobre a colocação pronominal no capítulo 14, um dos exemplos de frases apresentados é: “Todos nos pediram que trouxéssemos carne para o churrasco”.

É importante considerarmos que o pronome *a gente* também apareceu em alguns gêneros textuais deste volume, porém, ele ainda está um tanto quanto distante de ser reconhecido como parte integrante do quadro pronominal do português brasileiro.

3.2.2 Os pronomes de primeira pessoa do plural na seção “Produção de Texto”

Na seção “Produção de texto”, o volume 1 possui 9 capítulos. Os gêneros trabalhados nesses capítulos são: relato, carta pessoal, e-mail, diário, notícia, reportagem, textos instrucionais, textos publicitários e resenha.

O capítulo 25 apresenta alguns relatos, dentre eles está um fragmento de Dinah Callou no texto “A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro”, que apresenta o uso recorrente do pronome *nós*, no trecho: “Então uma noite nós fomos ao chiqueiro... nós não vamos passar perto da casa velha [...]”. Tratando-se de um fragmento de um relato oral, é interessante perceber que o pronome utilizado é o *nós* e não o *a gente*. Outro relato é de Evandro Mesquita sobre “Os normais”. O pronome *a gente* aparece em uma das frases desse relato: “A gente riu bastante. Foi uma típica cena de *Os normais*”. Porém, nenhuma menção é feita sobre o uso do pronome inovador.

O capítulo 26 aborda o estudo de cartas e diários. Porém, as cartas que foram selecionadas utilizam uma linguagem formal e os exemplos de diários são retirados de livros, como por exemplo no livro “O diário de Anne Frank”. Nos exemplos apresentados predomina o uso de *nós*, portanto não mostram o *a gente*.

Nesse mesmo capítulo, é apresentado o gênero notícia. Sobre a linguagem utilizada nesse gênero, o livro didático destaca que: “a linguagem empregada nas notícias deve obedecer às regras do português escrito culto e costuma ser definida por frases curtas, com uma estrutura sintática básica” (ABAURRE et al, 2008, p. 436). Além disso, o livro propõe uma atividade de produção de uma notícia e uma das orientações para a produção é: “Os textos jornalísticos devem ser escritos de acordo com a norma escrita do português culto. Evite, portanto, o uso de estruturas típicas da oralidade” (ABAURRE et al, 2008, p. 438). Desse modo, é perceptível o predomínio do uso de *nós*, conforme prescrição normativa.

O capítulo 27 expõe o estudo do gênero reportagem. Sobre esse gênero, o livro didático expõe que “A linguagem utilizada na reportagem deve ser adequada à norma culta. O grau de formalidade, porém, vai variar de acordo com o estilo da publicação e com o veículo em que o texto for circular” (ABAURRE et al, 2008, p. 449). Porém, mesmo que, em alguns exemplos, o grau de formalidade é menor, o pronome *a gente* não apareceu em nenhuma das reportagens.

O capítulo 28 mostra exemplos de textos instrucionais, mas não há referência aos pronomes de primeira pessoa do plural. O capítulo seguinte apresenta o gênero texto publicitário, porém, os textos selecionados não utilizam o pronome inovador, mesmo que esse gênero permita uma linguagem menos formal. O último capítulo mostra o gênero resenha, sendo que, o exemplo selecionado pelo livro didático é uma resenha destinada ao público jovem, porém, não apresenta o uso do pronome inovador e o que predomina é o pronome conversador.

O volume 2 tem 5 capítulos na seção “Produção de texto” e trabalha com os gêneros crônica, biografia, texto enciclopédico, carta argumentativa, artigo de opinião e editorial.

O capítulo 24 apresenta o gênero crônica, e “A linguagem utilizada na crônica é marcada por certa informalidade. Como se trata de um texto para publicação, espera-se que as regras do português escrito culto sejam seguidas” (ABAURRE et al, 2008, p. 562). Embora o livro mostre essa característica do gênero, os textos selecionados não utilizam o pronome *a gente* e o que predomina é o uso do *nós*. A mesma característica se refere ao gênero biografia, abordado no capítulo 25. Os exemplos de biografia mostrados no livro não utilizam o pronome inovador. O capítulo 27 expõe o estudo da carta argumentativa, porém, os exemplos utilizam o pronome conservador *nós*, por exemplo, “alguns de nós estranharam o critério que levava a que o nosso nome fosse manchado enquanto outras nações beneficiavam da vossa simpatia” (ABAURRE et al, 2008, p. 615). O mesmo ocorre no último capítulo, que apresenta o gênero artigo de opinião e editorial.

O volume 3 tem 7 capítulos e aborda os gêneros conto, texto de divulgação científica, relatório e texto dissertativo-argumentativo.

O primeiro capítulo aborda o estudo do gênero conto, e de acordo com o livro didático, “A linguagem dos contos tem como característica essencial algo comum à linguagem dos textos literários” (ABAURRE et al, 2008, p. 430). O conto selecionado, do autor Moacyr Scliar, não utiliza o pronome *a gente*, porém, em um outro texto desse mesmo autor, há o uso desse pronome. É o caso do conto “Cego e

amigo Gadeão à beira da estrada”, no trecho a seguir: “A gente pensa muito. De modo que fui formando um raciocínio”. O livro também apresenta o conto “A morte no bosque” de Brigitte Aubert que usa o pronome conservador implicitamente, por exemplo, “Estamos em fim de maio... em suma, chegamos...” (2008, p. 443).

O capítulo 19 aborda os textos de divulgação científica. A linguagem desses textos possui um grau de formalidade menor, pois, geralmente é um texto que “traduz” conceitos científicos. Nesse gênero, o uso das marcas morfêmicas de primeira pessoa do plural é recorrente, por exemplo, no trecho: “Talvez nunca houvesse elementos estáveis para constituir você, eu e o chão que pisamos” (2008, p. 453).

O capítulo 20 apresenta o gênero relatório, que, de acordo com o livro didático, “Deve ser redigido em linguagem clara, concisa e objetiva, obedecendo às características da variedade escrita culta do português”. O exemplo de relatório selecionado no livro didático utiliza frequentemente o pronome conservador. O último capítulo aborda o estudo do gênero texto dissertativo-argumentativo, porém, nenhum dos exemplos usam o pronome inovador, pois, a linguagem utilizada nesse gênero possui um grau de formalidade maior.

A seguir apresentamos um quadro com os gêneros abordados nos três volumes da coleção analisada, destacando que somente um deles utiliza o pronome *a gente*:

Nós	<i>A gente</i>	+ Fala	+ Escrita
Relato Pessoal 1	Relato Pessoal 2	x	x
Notícia			x
Reportagem	x		x
Textos instrucionais			x
Carta Pessoal		x	
Diário		x	
Textos publicitários		x	
Resenha			x
Crônica			x
Biografia		x	x
Carta argumentativa			x
Artigo de Opinião			x
Editorial			x
Conto			x

Texto de divulgação científica			X
Relatório			X
Texto dissertativo-argumentativo			X

Quadro 3: Gêneros abordados no livro didático “Português – Contexto, interlocução e sentido”.

No quadro, é possível perceber que os gêneros selecionados no livro didático possuem mais características da escrita e, em menor proporção, da fala, logo o pronome inovador *a gente* apareceu com pouca frequência. O único gênero textual abordado que utilizou o pronome inovador foi o relato pessoal.

A seguir apresentamos a comparação entre as duas coleções de livros didáticos utilizadas pelas escolas e em seguida as considerações finais.

4 Comparação entre os livros didáticos do ensino médio adotados por duas escolas envolvidas quanto ao tratamento da variação dos pronomes de primeira pessoa do plural

As duas coleções de livros didáticos do ensino médio utilizadas nas duas escolas estaduais de Santa Catarina dividem os conteúdos a serem trabalhados pelo professor em literatura, gramática e produção de texto. No entanto, foram analisadas somente as seções “gramática” também chamada de “A língua em uso” por uma coleção e “Produção de texto”, em outra coleção. A análise empreendida revelou o predomínio de *nós*, somente uma coleção tratou o pronome *a gente* como uma variação do pronome *nós*. A coleção “Português – contexto, interlocução e sentido” destacou que o *a gente* era uma forma diferente de se referir ao pronome *nós*, quando apresentou a tabela pronominal do português.

Os capítulos que tratam de gramática também abordam aspectos relativos à variação linguística, porém, somente se dedicam ao preconceito linguístico, às gírias e à definição de norma culta como sinônimo equivocado de norma padrão. Esse equívoco também decorre da falta de compreensão sobre o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais. Por exemplo, quando apontam que é preciso abordar a variação linguística e o preconceito linguístico, os autores dos livros didáticos entendem que é preciso abordar esse tema com um conteúdo programático do livro, em uma seção apenas, como se os fatos que envolvem a variação não perpassassem outros conteúdos apresentados no decorrer das unidades.

As atividades abordadas nas duas coleções de livros didáticos não levam em consideração a reflexão sobre a língua de fato. Abordam a pedagogia da correção, que trata a língua como “homogênea”.

Na seção produção de texto, as duas coleções trabalham com variados gêneros textuais, tanto de fala quanto de escrita. Porém, na maioria dos textos selecionados, predomina o uso do pronome *nós*. *A gente* aparece em gêneros que apresentam uma linguagem coloquial, como, por exemplo, e-mails, diários e textos escritos na internet. O pronome inovador também teve espaço nas histórias em quadrinhos e somente em

uma propaganda, embora tenha sido tratado pejorativamente, como se fosse uma linguagem de “povão”, sendo que outros estudos recentes já mostraram que, mesmo em estilos monitorados, o pronome inovador é empregado.

Os livros didáticos até selecionam gêneros textuais e propostas de atividades que usam tanto o *nós* quanto o *a gente*, porém não desenvolvem reflexões mais detalhadas sobre o uso dos pronomes. Algo que é preciso ser (re)pensado é que o aluno sairá do ensino médio sem ter discutido sobre isso, por isso cabe ao professor complementar essa discussão com outros materiais.

5 Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi descrever e analisar o tratamento dado à variação dos pronomes de primeira pessoa do plural em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, contribuindo assim, com os estudos já feitos na área da Sociolinguística educacional.

A partir das análises feitas nas duas coleções de livros didáticos do ensino médio na escola de São João do Oeste e de Chapecó, confirmamos nossa hipótese de que o pronome inovador *a gente* é quase invisível nos livros didáticos, embora apareça em diálogos de histórias em quadrinhos e em gêneros textuais orais que permitem uma linguagem menos formal. Os livros ainda não tratam o *a gente* como de fato um pronome de referência à primeira pessoa do plural, e sim como uma forma diferente e distanciada da tabela pronominal do português brasileiro.

Talvez uma resposta de o porquê o pronome *a gente* não aparecer nos livros didáticos como parte integrante de referência às pessoas do discurso seja a formação tradicional dos professores de língua portuguesa e a falta de conhecimento dos estudos que já foram feitos sobre o pronome inovador, mostrando que ele está cada vez mais difundido tanto na fala quanto na escrita, ocasionando um distanciamento entre a ciência linguística e a escola. Além disso, cabe ressaltar que a formação das autoras das duas coleções de livros didáticos é voltada para a literatura e filosofia, sendo que somente uma delas é mestre em linguística.

Outra justificativa para a predominância do uso do pronome *nós* e para o fato de o pronome inovador não ser muito explorado pelos livros pode ser devido à confusão que há de que a escola tem o dever de ensinar somente e exclusivamente a norma de prestígio, por isso a predominância do pronome conservador *nós* nos livros didáticos.

Será que falta aos autores de livros didáticos o conhecimento dos estudos descritivos do Português Brasileiro? Ou de outro modo, falta aos pesquisadores estenderem a aplicação dos resultados de seus estudos à sala de aula?

É relevante que os cursos de formação de professores tenham disciplinas voltadas à sociolinguística, principalmente com o enfoque voltado aos estudos da variação e do ensino. Também é importante que os cursos de capacitação de professores atentem para esta temática, pois com isso poderão atualizar o

conhecimento, trocando informações sobre a sala de aula e abordando questões sobre o ensino de língua portuguesa.

Por fim, vale ressaltar que estudos futuros poderão ser feitos para analisar se os estudantes do ensino médio utilizam o pronome *a gente* como forma predominante na língua falada e escrita, a exemplo do que fez Brustolin (2009), visto que, no livro didático, não há explicações sobre o uso variável do pronome inovador no PB.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português – Contexto, Interlocução e Sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento. **A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do ensino fundamental**. 1 v. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis**. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0434-D.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. **A ditongação no português do Brasil: estudo de dois casos**. In: ENGLEBERT, Annick et al. Vivacité et divercité de la variation linguistique. Atlas linguistique et Variabilité. Tübingen: Niemeyer, 2000.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística – Parte II**. In: Mussalim, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à Linguística: domínios e fronteira. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008, VI. 01

CEREJA, William Roberto. e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português, Linguagens**. 5 ed. São Paulo: Atual, 2005.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. In: Domínios de Lingu@gem: Revista Eletrônica de Linguística. V. 4, n. 2, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. CESAD, São Cristóvão, 2010.

HERNANDES, Roberta; MARTIN, Vima Lia. **Língua Portuguesa – Projeto ECO**. Curitiba: Positivo, 2009.

INFANTE, Ulisses. **Textos: leituras e escritas**. v. único. São Paulo: Scipione, 2004

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v. 18.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; NASCIMENTO, Rodrigo Alipio do. Monitoramento estilístico entre “nós” e “a gente” na escola. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (org.). **Sociolinguística e ensino, contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

NOLL, Volker. **O português brasileiro, formação e contrastes**. São Paulo: Globo, 2008.

ROJO, Roxane. **O livro didático de língua portuguesa**. In: O livro didático em questão. PNLD, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. **Curso de linguística geral**. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

TAMANINE, Andréa Maristela B. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 1 v. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2002.

VIANA, Suelen de Andrade. **Por uma interface sociolinguística no livro didático de língua portuguesa: análises e contribuições**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, Ana Maria S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?**. Letras de hoje: Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.

ABSTRACT: In contemporary Brazilian Portuguese (PB), Portuguese speakers alternate between the use of the first person plural pronoun in Brazilian Portuguese “nós” and the pronoun “a gente” functioning as the subject of the sentence (BRUSTOLIN, 2009; MOLLICA; NASCIMENTO, 2006; NOLL, 2008; ZILLES, 2007). A preliminary analysis of textbooks used in Brazilian high schools (INFANTE, 2004; CEREJA; MAGALHÃES, 2005) revealed that there is a higher rate of teaching the pronoun “nós” as the first person plural taking place as the subject of the sentence. This paper aims at describing and analyzing the approach given by Brazilian high school textbooks on teaching first person plural pronouns. Two different school textbooks collections, used in two public state schools from Santa Catarina were involved in this research, the Escola de Educação Básica Madre Benvenuta, located in São João do Oeste, and the Escola de Educação Básica Marechal Bormann, located in Chapecó. The hypothesis is that the innovative pronoun “a gente” will appear in a low rate on the high school textbooks. To refute this hypothesis, are the results of the study by Viana (2005, p. 83), that exposed that in one of the tomes from a school textbook collection, “the pronoun “a gente” doesn’t appear in the chart [personal pronouns chart] and there is no mention of it as it was made in another tome”. According to this result, it is predicted that the pronoun “a gente” will come up as a variation of the pronoun “nós”, but has its use in informal situations of the language.

KEYWORDS: Innovative pronoun “a gente”; linguistic variation; textbooks.